



FERNANDO LIGUORI

ASTROLOGIA PARA THELEMITAS

DA SÉRIE: ASTROLOGIA PARA THELEMITAS

Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.

Nascemos em um momento específico, em um lugar determinado, e como os grandes vinhos sazonais, carregamos as qualidades do ano e da estação em que nascemos. A astrologia não reivindica mais do que isso.¹

á uma angústia silenciosa que acompanha a alma desde seu exílio em Malkuth: a sede por um sentido. E quando esta sede ressurge nos porões do inconsciente, o thelemita se vê atormentado pela demanda de compreender os ciclos da alma – da vida, pela morte, de volta à vida. *Qual o propósito de tudo isso?*, ele pergunta, *por que nasci?, de onde vim e para onde irei ao deixar meu frágil corpo terreno?* Mas as respostas lhe escapam como fumaça entre os dedos.

Sem o fio condutor da Verdadeira Vontade, o thelemita se perde num labirinto de suposições, muitas vezes tentando resgatar, pela força da memória ou da meditação, fragmentos de uma vida anterior ao nascimento – como se tais lampejos pudesse iluminar o destino que o aguarda para além da morte. Mas a travessia da alma pela terra dos mortos envolve o esquecimento: ela é compelida a saciar sua sede nas águas do Rio Lete,² dissolvendo as

¹ Carl Gustav Jung. Citado em Marie-Louise Von Franz. ADIVINHAÇÃO E SÍNCRONICIDADE. Cultrix, 2022, pp. 40.

² O Rio Lete, na mitologia grega, é um dos cinco rios do Hades, o mundo dos mortos, e seu nome deriva da palavra grega *léthē* (λήθη), que significa *esquecimento* ou *ocultação*. Segundo a tradição órfica e os relatos de Platão, especialmente no MÍTO DE ER, as almas que retornariam à vida eram obrigadas a beber de suas águas antes da reencarnação, apagando toda a memória de suas vidas anteriores. Esse esquecimento era necessário para que a alma suportasse o peso da existência terrena sem a lembrança de suas experiências passadas – sejam dores ou glórias. O Lete, portanto, não é apenas um rio do submundo, mas um símbolo poderoso do véu de ignorância que

lembranças de suas existências precedentes. É nesse esquecimento que repousa o véu mais espesso da ignorância humana. Carl Gustav Jung (1875-1961)³ diz:

Quanto mais estudamos *yoga*, mais percebemos o quanto distante ela está de nós; um europeu só pode imitá-la, e aquilo que adquire por meio dessa imitação não possui real interesse. [...] No curso dos séculos, o Ocidente criará seu próprio *yoga*.⁴

Ainda que não se possa aceitar sem ressalvas o juízo de Jung – sobretudo sua visão sobre a impaciência europeia –, sua intuição permanece válida: o Ocidente necessita de um caminho próprio de União. Em vez de transplantar modelos orientais sem enraizamento, urge articular um método integral que dialogue com os arquétipos, tensões e estruturas do espírito ocidental.

Se Jung intuiu que a psicologia poderia cumprir esse papel, a prática mágica ocidental responde com mais radicalidade: não se trata apenas de elevar conteúdos inconscientes à consciência – mas de encarnar a totalidade do processo em sua manifestação material. A Verdadeira Vontade, neste contexto, não é a negação do corpo, mas sua consagração como instrumento.

Essa abordagem já emergia nas obras de pensadores como Dane Rudhyar (1895-1985), psicólogo junguiano e um dos intérpretes mais lúcidos da astrologia moderna:

O antigo *yoga* hindu baseava-se no reconhecimento do significado e do poder da respiração; e a astrologia também – em outro sentido – partilhava dessa fundação. A astrologia era o meio pelo qual se relacionava o primeiro momento de liberdade

separa o mundo visível do invisível, o esquecimento do reconhecimento, e que torna cada nascimento uma amnésia sagrada da origem divina da alma.

³ Carl Gustav Jung nasceu em 26 de julho de 1875, em Kesswil, na Suíça, e faleceu em 6 de junho de 1961, em Küsnacht. Médico psiquiatra, psicoterapeuta e fundador da psicologia analítica, Jung é uma das figuras mais influentes do pensamento moderno. Desenvolveu conceitos centrais como os arquétipos, o inconsciente coletivo, a Sombra e a individuação, estabelecendo uma ponte entre a psicologia e os sistemas simbólicos da religião, da alquimia e da mitologia. Ao contrário de seu contemporâneo Sigmund Freud (1856-1939), Jung defendia que a psique humana não era movida exclusivamente por impulsos sexuais reprimidos, mas também por motivações espirituais e simbólicas profundas, o que o levou a um interesse contínuo por práticas esotéricas, como a astrologia, a alquimia, o tarot e o I Ching.

Sua predileção pelo esoterismo tornou Jung uma figura de enorme influência para o *Ocultismo* moderno, ainda que ele mesmo não se considerasse um ocultista. Suas ideias sobre a estrutura arquetípica da alma e os processos de transformação interior impactaram diretamente o desenvolvimento posterior de ordens esotéricas, e sua obra foi lida e estudada atentamente por figuras como Aleister Crowley (1875-1947). Crowley cita Jung diversas vezes em suas cartas a discípulos e correspondentes, e até escreveu um ensaio chamado *The Improvement of Psychoanalysis*, publicado na edição de dezembro de 1916 da revista *VANITY FAIR*. Nele, Crowley oferece uma visão crítica e satírica das abordagens contemporâneas da psicanálise, especialmente as teorias de Freud e Jung. Utilizando seu estilo característico, ele questiona a eficácia dos métodos psicanalíticos da época, sugerindo que a compreensão da mente humana requer uma abordagem mais holística e integrada, que vai além das técnicas analíticas tradicionais. Este ensaio reflete o interesse de Crowley em explorar e desafiar as fronteiras entre psicologia e esoterismo.

Parece que a influência de Jung foi tão profunda e, ao mesmo tempo subliminar, que a noção de que a verdadeira iniciação exige uma descida consciente ao inconsciente ecoa profundamente no sistema da A.:A.: e na fórmula mágica da Thelema. Além disso, a linguagem simbólica da psicologia junguiana ofereceu à magia moderna uma nova gramática, permitindo reinterpretar os rituais, os deuses e os mapas astrais como realidades psíquicas com eficácia operativa. A influência de Jung pode ser sentida, portanto, tanto nas práticas de autoconhecimento alinhadas a magia moderna de forma geral quanto ao sistema thelêmico moderno, que visam a integração do Self através da Verdadeira Vontade. Veja J. Daniel Gunther. *INITIATION IN THE AEON OF THE CHILD AND THE ANGEL & THE ABYSS*. Ibis, 2009 e 2014.

⁴ Carl Gustav Jung. *A PSICOLOGIA DA IOGA KUNDALINI*. Vozes, 2022, pp. 21.

individualizada (o primeiro fôlego) com o processo cósmico eterno. A astrologia foi, e pode ser hoje, um método de retirar o indivíduo de sua isolamento e integrá-lo no processo eterno.⁵

Este livro é uma tentativa de recuperar e atualizar essa via iniciática, alinhada com a tradição ocidental e iluminada pela *Corrente 93*. Não se trata de um manual para previsões banais nem de uma cartomancia sofisticada: trata-se de uma jornada iniciática rumo ao centro oculto do ser – o núcleo solar da Verdadeira Vontade.

Como nos ensina o *esoterismo ocidental*, o Mapa Astral é um fluxograma energético e iniciático. Ele articula mente, corpo e realidade em uma rede indivisível, onde as potências astrais revelam-se em estruturas simbólicas, arquétipos e eixos de tensão. E mais: ele permite contemplar a relação entre o *ājñā* e o *mūlādhāra-cakras* – aquilo que Jung já começava a sondar nos anos 1930 e que exploraremos mais adiante.

Desde já, é fundamental afirmar: este livro não ensina a consultar os astros em busca de fado, destino ou desígnios divinos. Pelo contrário, rompe com a rigidez determinista da astrologia tradicional e assume o papel da astrologia como um espelho da alma em sua jornada de individuação. Jung foi direto ao afirmar: *reconhecer a si mesmo pelo que se é por natureza, em contraste com aquilo que se gostaria de ser*.⁶

Tal reconhecimento é doloroso, pois confronta a Persona com sua Sombra. Mas é também libertador, pois ilumina o caminho da Verdadeira Vontade. Não pretendo aqui invalidar o legado de séculos de prática astrológica – apenas ampliar suas premissas à luz da *gnōsis* moderna, associando diretamente a psicologia junguiana a *Corrente 93*.

Vivemos mergulhados no Inconsciente Coletivo – esse reservatório profundo onde todas as imagens, símbolos, mitos e doutrinas se fundem numa unidade oculta. As manifestações dessa matriz primordial variam segundo idioma, clima, tradição, cultura, geografia. Mas, em essência, dizem sempre a mesma coisa: apenas de modos distintos. Uma crença mal interpretada em determinado contexto pode tornar-se clara e luminosa em outro.

Os ensinamentos astrológicos também pertencem a esse corpo simbólico coletivo. Cada escola astrológica representa uma tentativa de capturar uma verdade parcial da alma. Contudo, nenhuma o faz de forma total. Nem mesmo a astrologia moderna detém o monopólio da Verdade. Por isso, este livro não nega os astros como deuses – tampouco os afirma literalmente. Como disse Aleister Crowley⁷ (1875-1947): *É irrelevante se eles existem ou*

⁵ Dane Rudhyar. ASTROLOGIA E A PSIQUE MODERNA. Pensamento, 1989, pp. 36.

⁶ Ibidem, pp. 33.

⁷ Edward Alexander Crowley nasceu em 12 de outubro de 1875, em Leamington Spa, Warwickshire, Inglaterra, filho de Edward e Emily Crowley. Aleister Crowley, como gostava de ser chamado, foi um verdadeiro polímata: ocultista, magista ceremonial, escritor prolífico, poeta, romancista, pintor, enxadrista e alpinista de alto nível. Entretanto, a sociedade o rotulou como perverso, adorador do diabo e o chamou de *o pior homem do mundo*. É no dia 12 de outubro que os thelemitas ao redor do mundo celebram o *Crowleymas*, uma espécie de feriado thelêmico em homenagem ao nascimento de seu profeta.

De tudo o que Crowley realizou em sua vida, nada é mais importante do que o que começou em 9 de fevereiro de 1904, quando ele partiu para o Cairo com sua esposa, Rose Kelly, após terem chegado no dia anterior a Port Said, no Canal de Suez. No Cairo, Crowley alugou um pequeno apartamento e o transformou em um templo.

*não. Ao fazer certas coisas, certos resultados seguem. Os estudantes são seriamente advertidos a não atribuírem realidade objetiva ou validade filosófica a nenhum deles.*⁸

Este é o princípio da magia cerimonial moderna: o mapa é verdadeiro na medida em que produz transformação. Se o símbolo opera, ele é real – ainda que sua realidade seja simbólica. Ao compreender o princípio *assim como é acima é abaixo*, o thelemita deve ressignificar a noção de que os corpos celestes possuem uma influência literal e determinista sobre a vida humana. O movimento dos astros não determina o destino da alma, mas reflete a arquitetura simbólica da própria consciência. Os astros, como nos recorda Crowley, são espelhos do interior: *Uma compreensão adequada dos planetas – e, de fato, do próprio Universo – só pode ser obtida pelo conhecimento da doutrina da correspondência entre o microcosmo e o macrocosmo.*⁹

Nesse espírito, a astrologia para thelemitas não é arte divinatória, mas ciência sagrada. Não se destina a prever eventos, mas a desvendar padrões, revelar mapas ocultos do ser e iluminar os caminhos da Verdadeira Vontade. A astrologia só tem valor quando vista como símbolo vivo do processo de individualização – um sistema que revela, sob o verniz dos signos e casas, a jornada do Adepto em direção ao seu Sol interior, a esfera de Tiphereth, o centro da Árvore da Vida e da encarnação consciente do Eu Superior. Jung, por sua vez, sintetizou esse princípio com clareza:

A astrologia, como o inconsciente coletivo com o qual a psicologia se ocupa, consiste em configurações simbólicas: os planetas são os deuses, símbolos do poder do inconsciente. [...] O inconsciente coletivo parece consistir de motivos mitológicos ou imagens primordiais, razão pela qual os mitos de todas as nações são seus verdadeiros expoentes. Na verdade, toda a mitologia pode ser considerada como uma espécie de projeção do inconsciente coletivo. Podemos ver isso mais claramente se olharmos para as constelações celestes, cujas formas originalmente caóticas são organizadas por meio da projeção de imagens. Isso explica a influência das estrelas, como afirmam os astrólogos. Essas

No dia 16 de março, ele realizou uma invocação para que sua esposa pudesse ver espíritos elementais do Ar. Rose, também conhecida como Ouarda a Vidente, não viu nada, mas entrou em um estado de transe curioso, repetindo insistente – *Eles estão esperando por você!* Inicialmente, Crowley pensou que aquilo era fruto da embriaguez constante da esposa ou mesmo de uma possível gravidez. Poucos dias depois, Rose explicou que *eles* eram, na verdade, uma referência ao deus Hórus. No dia 20 de março, Crowley proclamou: *o Equinócio dos Deuses chegou!* Em uma visita ao museu local, ele se sentiu ainda mais tomado pela força daquele momento quando encontrou uma estela funerária de Ankh-af-na-Khonsu, classificada como a exposição de número 666 – o número da Besta, o seu número mágico.

Então, nos três primeiros dias de abril, Crowley recebeu a transmissão do que veio a se tornar O LIVRO DA LEI, posteriormente denominado LIBER AL VEL LEGIS. Esse novo *evangelho* lhe foi ditado por Aiwass, uma entidade *praeter-humana* que se apresentou como ministro de Hoor-Paar-Kraat e mensageiro das forças que governam o planeta, pois a humanidade havia saído da era de Peixes e adentrado a era de Aquário. O novo mandamento dado à humanidade foi: *Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.* Esse foi um momento decisivo na vida de Crowley, quando ele passou a acreditar que o cristianismo estava morto.

Em 1907, ele e George Cecil Jones fundaram uma Ordem conhecida como A:A:, através da qual Crowley começou a disseminar a nova Lei de Thelema. Posteriormente, ele ingressou em uma ordem para-maçônica alemã chamada *Ordo Templi Orientis* (O.T.O.) e, inevitavelmente, se tornou seu Cabeça Externo (O.H.O.). Ele utilizou ambas as ordens como se fossem uma Escola Interna e uma Escola Externa para o treinamento de Adeptos.

Em 12 de outubro de 1915, ele assinou o Juramento de Magus, adotando o nome mágico *To Mega Therion* ou *A Grande Besta 666*. Aleister Crowley morreu em 1º de dezembro de 1947, em Hastings, Inglaterra, de bronquite e falência cardíaca. Suas últimas palavras, ditas à sua enfermeira, foram: *às vezes, eu me odeio.*

⁸ Aleister Crowley. LIBE O VEL MANUS ET SAGITTAE. Em THE EQUINOX: LIVROS SELECIONADOS. Tomo II. Daemon Editora, 2021, pp. 8.

⁹ Aleister Crowley. THE GENERAL PRINCIPLES OF ASTROLOGY. Weiser, 2002, pp. 26.

influências não são nada além de percepções introspectivas inconscientes do inconsciente coletivo.¹⁰

Assim, ao invés de buscar nos planetas respostas prontas ou culpá-los pelos eventos da existência, o thelemita deve reconhecer que a verdadeira astrologia é uma gramática simbólica do espírito. Como afirmou Dane Rudhyar:

Não é que os planetas «influenciem» diretamente uma pessoa ao emitir um raio especial que a fará feliz ou lhe causará um acidente. Os ciclos planetários e suas relações representam para o homem uma realidade em estado ordenado, em referência ao «grande todo» que conhecemos como o sistema solar. Os homens são «pequenos todos» dentro deste «grande todo». Só podem encontrar paz e integração duradoura ao se relacionarem conscientemente com esse «todo maior».¹¹

A astrologia, então, é um espelho dinâmico daquilo que, por herança divina, vibra em nossa constituição oculta. Ela não revela fatalidades, mas sim tendências, limites e potenciais. Cada Carta Natal é uma Árvore da Vida pessoal, uma estrutura única da alma no tempo, que se manifesta segundo as Leis da Vontade.

É neste espírito que invocamos a deusa Aletheia como símbolo da astrologia iniciática. Seu nome – que, etimologicamente, vem do grego *a-* (prefixo de negação) + *Lēthē* (o Rio do Esquecimento) – significa literalmente *não-esquecimento* ou *recordação*. Se Lete representa o véu que encobre a memória da alma e a faz esquecer-se de sua origem e missão, Aletheia é a deusa que dissipa esse véu. Ela é a guardiã da recordação da Verdadeira Vontade, aquela que nos conduz para além da ignorância do renascimento involuntário.

Neste livro, ASTROLOGIA PARA THELEMITAS, Aletheia torna-se a deusa da Rememoração Iniciática. Ela nos oferece um espelho astrológico onde cada planeta, signo e aspecto é uma chave para recordar o que a alma veio fazer no plano da matéria. Como a bela virgem vestida de branco que se oculta no poço sagrado dos mitos gregos, a Verdade não está ausente – apenas esquecida. E para encontrá-la, é necessário saber onde olhar.

Se Lete representa a condição ordinária da encarnação – marcada pela amnésia espiritual –, a astrologia thelêmica é a chave de Aletheia: uma ferramenta para dissolver o esquecimento e reacender, com rigor e beleza, a centelha da Verdadeira Vontade. O Mapa Natal é o reflexo cifrado dessa memória esquecida.

Que este livro, portanto, lhe ajude a recordar. Seja bem-vindo ao caminho da ASTROLOGIA PARA THELEMITAS: uma jornada de retorno à Estrela que somos, um convite ao silêncio do Eu, um mapa para aqueles que ousam descobrir sua Verdadeira Vontade.

Amor é a lei, amor sob vontade.

¹⁰ Carl Gustav Jung. CARTAS DE C.G. JUNG. Volume II (1946-1955). Vozes, 2018, pp. 49.

¹¹ Dane Rudhyar. DIMENSÃO GALÁCTICA DA ASTROLOGIA. Pensamento, 1991, pp. 86.

A série ASTROLOGIA PARA THELEMITAS será completamente desenvolvida em uma edição de O OLHO DE HOOR. Este é um *Jornal de Pesquisas Thelêmicas* produzido pelo *Outer College Brasil*, linha de transmissão da A:A: através de Frater AHA-ON, 777 ::.